

Conservam-se alheias a esta alternância todas as formas rhizotonicas de *chegar*, *ensebar*, *amancebar*, dos verbos em *-oar* (*vóas*, *coróas*, etc.), em *-ear* (*ceio*, *passeias*, etc.), em *-elhar* (*emparelhas*, *aconselha*, etc.), em *-ejar* (*almeja*, *deseja*, etc., exceptuando *inveja*, *invejã*), a forma *foi*, e actua finalmente como obstaculo á alternancia, em falar brasileiro, a consoante nasal posta immediatamente depois da vogal: *gema*, *tema*, *ordenha*, *comes*, *tomam*, etc.

NOTA. — No falar lusitano a tónica *o* soa como vogal aberta, em *come*, *tomas*, etc.

Exceptuados estes casos, verifica-se a alternancia regularmente na 2.^a e 3.^a do singular e 3.^a do plural do presente do indicativo, bem como na 2.^a do singular do imperativo de qualquer verbo com uma das mencionadas tónicas puras, desde que esta venha seguida de outro phone-ma: *queres*, *quer*, *choras*, *chora*, *adorna*, *rolas*, *chove*, *escreve*, *bebe*, *percebe*, *recebem*, *alegra*, *espera*, *fornece*, *resolve*, *fenece*, *cresce*, *descem*, *apoia*, *roes*, *doe*, *moe*, *tornas*, *tornam*, *jorras*, *olhas*, *olham*, *desfolham*, *rogas*, *jogas*, *rega*, *leva*, *sega*, *pegas*, *negas*, *despreza*, *perdes*, *governa*, *verte*, *fere*, *merece*, *adocece*, *veste*, *conserva*, *processa*, *refrescam*, *cessa*, *cede*, *gosas*, *afoga*, *escolhes*, *empregas*, *alterna*, *altera*, *berras*, *afivela*, *nivela*, *começas*, *protegem*, *mexem*, *forma*, *dorme*, *morre*, *torras*, *torce*, *despoja*, *arrojas*, etc.

A alternancia estende-se á 1.^a pessoa do presente nos verbos da 1.^a conjugação: *adorno*, *corto*, *afogo*, *pego*, *nego*, *meço*, *levo*, *toco*, *noto*, *jogo*, *erro*, *socego*, *esfrego*, *prego*, *choro*, *adorno*, *renovo*, *consolo*, *olho*, *molho*, *esboço*, *atravesso*, *cesso*, *alegro*, *espero*, *opero*, *altero*, *alterno*, *emprego*, etc.; e tambem a *peço*, *impeço*, *despeço* e *meço* dos verbos em *-ir*. Nos verbos em *-er*, porem, exceptuando a forma *quero*, a 1.^a pessoa resiste a qualquer mudança, ficando em contradicção com as demais formas rhizotonicas: *bebo*, *escrevo*, *movo*, *cedo*, *concedo*, *corro*, *esqueço*, *mereço*, *escolho*, *colho*, *devo*, *resolvo*, *mordo*, *estabeleço*, *protejo*, *desço*, *cresço*, *mereço*, *appareço*, *forneço*, *rejo*, *estabeleço*, *torço*, *aborreço*, *mexo*, *verto*, etc.

O presente do conjuntivo, calcado todo, como é, no thema da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo,

necessariamente não terá senão vogal fechada nos verbos da conjugação em *-er*: *deva, resolva, escrevas, mereça, mereças, appareça, escolham*, etc.; ao passo que com alternancia se hão de usar *peça, peças, peçam, meça, meças, meçam*, assim como as formas conjuntivas da 1.^a conjugação: *comece, console, alegre, olhe, orne, cesses, espere, esperem, empregue, logre, negues, pegue, peguem, peque, chore, adore*, etc.

O verbo *dormir* tem as formas *dormes, dorme, dormem* com vogal tónica aberta, mas transforma em *u* a rhizotónica de 1.^a pessoa: *durmo* (phenomeno este de que trataremos d'aqui a pouco).

Inversamente, os verbos *bulir, consumir, cubrir* (ou *cobrir*, mais usada na graphia moderna), *cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir* e *tussir*, por analogia das formas *dormes, dorme, dormem* e imperativo *dorme* acabaram por transformar *u* em *o* aberto nos mesmos casos, dizendo-se, por exemplo, no indicativo: *subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem* e no imperativo: *sobe, subi*, etc. Na linguagem brasileira pronuncia-se *o* fechado nas formas alteradas de *sumir* e *consumir*.

A principio estes verbos em nada differiam dos demais verbos regulares (exceptuada apenas a forma *coverto* ou *coberto*, participio de *cubrir*). Assim no portuguez antigo:

Quando fores em tal perigo... entam o *descubre* e dize (S. Graal 37) — *Sube* [imperat.] em cima de mim (Livro de Esopo 11) — Porque *fuges* de my? (S. Mar. Eg. na Rev. Lus. 20, 189) — *Fugem* ao mundo (ib. 200); Os sentimentos *acudem* (Virt. Bemf. 104) — *Acudem* (Ined. 5, 591).

Vestigios desta antiga linguagem são ainda:

Nunca o rio o *cubre* (Lam. Ined. 5, 564) — Primeiro que entrem no mar se *sumem* por baixo no veram (Barros, Dec. 2, 8, 1) — *Sube* já este sobrado (G. Vic. 3, 262) — Outra addição nos *acude* (ib. 3, 287) — *Encubres* (ib. 1, 333) — *Sumem-se* (Arr. 449) — *Descubre-me* [imperat.] sempre seus segredos (A. Ferr. 2, 344) — E tu Coimbra, *cubre-te* de tristeza (ib. 2, 236).

A adopção de *o* em vez de *u*, mais pronunciada a partir do seculo XVI, fez-se comtudo de modo desigual para os diversos verbos. Assim, ao passo que *foges, foge, fogem, acodes, acode, acodem* são formas do indicativo per-

feitamente estabelecidas na linguagem de Camões e A. Ferreira, o imperativo na mesma linguagem continua a ser invariavelmente *fuge, acude*; por exemplo:

Acude cedo... *acude* e corre (Lus. 3, 105) — *Acode* o sangue (ib. 4, 29; 4, 37) — *Fuge, fuge*, lusitano, *fuge* das gentes perdidas (ib. 2, 61; 2, 62) — A luz clara *foge* (ib. 4, 67) — Lhe *foge* a vida (ib. 3, 82) — *Fuge* antes que o mau vulgo te profane (A. Ferr. 2, 282).

Durante todo o século XVI persistem *destrues, destrue, destruem* (assim como a forma *estruie*, etc.); no século seguinte entram a fazer-lhes concorrência *destroes, destroe, destroem*, Vieira Serm. 9, 250 e 9, 252 (a par de *destruem*, Serm. 5, 17) para se tornarem finalmente a linguagem usada no portuguez hodierno. *Consume, consumes, consumem*, desusados hoje, foram empregados por A. Ferreira (2, 146; 1, 61), Camões (Lus. 5, 2), Arrais (58), Vieira (Serm. 1, 258), G. Vicente (2, 144) e Filinto Elysio (20, 92; 20, 211; ao lado de *consome* 20, 275). *Entupe, entupes, entupem* occorrem em todos os quinhentistas e seiscentistas e, até, em A. F. de Castilho: *entupem-se-lhe* as ventas (Georg. 289).

Outro caso de alternancia é o da transformação das vogaes fechadas *o, e* respectivamente em *u, i*.

Mudança de *o* em *u* verifica-se em *durmo* e *durma, durmas* etc. do verbo *dormir* e nas formas de 1.^a pessoa *puz, pode* (lat. *posui, potui*) ao lado das de 3.^a pessoa *poz, poude*

Mudança de *e* para *i* dá-se na 1.^a do singular do presente do indicativo (e todo o presente do conjuntivo) de alguns verbos pertencentes á conjugação em *ir*: *firo* (< port. ant. **fero* < *feiro*); *sigo, sinto* (e compostos destes tres verbos); *dispo, visto, minto* e *advirto*. A alternancia estendeu-se a principio ás demais rhizotonicas do indicativo e a outros verbos da mesma conjugação. Vestigios disto são, no portuguez antigo, os imperativos *pidi* (por *pide*) (S. Josaph. 16), e *viste-te* (ib. 13); e no portuguez mod., os imperativos *minte-lhe* (G. Vic. 1, 303), *prosigue tu* (ib. 1, 319), *viste-te da sua lam* (H. Pinto 1, 176), *dá e fire quanto quiseres* (ib. 1, 45), *sigue-me firme e forte* (Cam., Lus. 10, 76), e o singularissimo indicativo *prosigue* em port. mod. (Castro, Ulys. 10, 49).

Importa notar que na linguagem de Camões e outros escriptores da mesma epoca, e tambem em documentos de eras anteriores lê-se sómente *sigo*, *segues*, *segue*, *seguem* para as formas rhizotonicas do indicativo de *seguir*.

Quanto ás rhizotonicas de *servir*, *sentir* (e compostos) *vestir* e *advertir* houve hesitações no port. ant. e ainda nos autores de seculo XVI se nos deparam alguns exemplos discordantes do falar hodierno:

Vestam (S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198) — *Servo*, *servamos*, *servo* (S. Josaph. 26, 30; S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198; Ined. 3, 487; F. Lopes, J. 23) — *Sento* (S. Graal 33; G. Vic. 3, 314; Arr. 464) — *Consento* (G. Vic. 2, 60) — *Sintem* e *sentem* (Ined. 5, 566; Leal Cons.) — *Synto* (Leal Cons. 63) a par de *consente* (Leal Cons. 14) — *Sintem*, *sinte* (Fern. d'Ol., Gram. 38, 39) — *Consintem* (Fern. d'Ol. 45) — *Advirtem* (Arr. 105).

Mudança de *e* para *i* soffreu tambem a 1.^a pessoa do singular de *impedir* e *despedir*, fazendo *impido*, *despido* (d'ahi o conjuntivo *impida*, *despida*) e a alteração se estendeu ao imperativo. Perdurou muito tempo esta linguagem, sendo ainda usada por escriptores seiscentistas:

Despide essa tu'alma (Ferr. 2, 263) — Com esta ultima advertencia vos *despido*, ou me *despido* de vós (Vieira, Serm. 2, 343) — Não havendo violencia que as [aguas] *impida*, se unem debaixo de huma superficie planissima (Bern. N. Flor. 4, 419) — Nem os [pobres] *despidamos* de todo vasios, nem a vida dos necessitados se converta em despojos de embusteiros (ib. 4, 405).

Em Mello (Ap. Dial. 141 e 33) occorrem já *despeço*, *despeça*, que com *impeço*, *impeça* acabaram por desalojar de todo as dicções antigas. Crearam-se estas novas formas por analogia de *peço*; modelou-se pelo verbo *pedir* a conjugação de *impedir*, *despedir* por dominar o sentimento de serem estes dous verbos oriundos daquelle. Na realidade, porém, filiam-se ao lat. *impedire*, *expedire*, ao passo que *pedir* procede do lat. *peto* (> **petio*), *petii*, *petitum petere* *).

*) Do verbo *petere* occorrem na Ibero-Romania duas formas para a 1.^a pessoa do presente do indicativo: *peço* (de **petio*), usado em Portugal e fixado na linguagem literaria deste paiz desde os mais antigos tempos; e *pidó* (de *peto*), proprio do hespanhol e de alguns falares regionaes de Portugal. Observo

Da alternancia vocalica resultaram ainda *fiz* < port. ant. *fize* < lat. *feci*, em contraste com *fez* < port. ant. *feze* < lat. *fecit*, e *quiz* < port. ant. *quise* < lat. *quaesii* e *quaesit*.

Do verbo *remir* são desusadas as rhizotonicas, suprimindo-se a sua falta com o emprego do erudito *redimir*. Em escriptores de outrora occorrem exemplos do emprego das formas rhizotonicas:

Onde as culpas se encobrem, ou escusam facilmente, e se *rimem* mais levemente as penas (Luc. 1, 271) — Não só os *rimem* e livra da cadea (Vieira, Serm. 2, 196) — Almas e corpos se *rimem*, almas e corpos se resgatam (ib. 2, 201).

Para os verbos *ferir* (e *conferir*, *referir*, *proferir*, *inferir*, etc.), *seguir* (e *conseguir*, *perseguir*, *proseguir*), *despir*, *servir*, *advertir*, *digerir*, *ingerir*, *divergir*, *competir*, *discernir*, *adherir*, *inserir*, *repetir*, *reflectir*, *suggerir*, *repellir*, *divertir* fixou-se o uso da dupla alternancia nas rhizotonicas do indicativo e imperativo a saber: vogal *i* na 1.^a pessoa, e *e* aberto na 2.^a e 3.^a: *firo*, *feres*, *feres*, *ferem*, *repito repetes*, etc.

Em *mentir* e *sentir* dá-se a modificação na rhizotonica de 1.^a pessoa, não se tolerando, em port. moderno, modificação alguma nas outras rhizotonicas, por não o permitir a vogal nasal.

Em *aggređir*, *progredir*, *transgredir* e *prevenir* usa-se a alternancia em *i* em todas as rhizotonicas: *aggrido*, *aggrides*, *aggride*, etc.; *previno*, *prevines*, etc.

Presente do indicativo

Desapparecida a desinencia *-t*, e simplificada a forma latina *est* em *é*, todos os verbos necessariamente tive-

a este proposito que laboraram em equivoco os que affirmam se usasse antigamente em port. literario *pido*, *pida*, *pidas* etc., em vez de ou a par de *peço*, *peça*, *peças*, etc. Tal maneira de dizer era tida por plebeismo. *Peço* é a forma sempre usada nos textos antigos: *peçote que tu a çercassos* (S. Am. 514); *eu mais bem te peço que nom tenho merccido* (D. Duarte, Leal Cons. 320); *Senhores peço-vos hãu dom: que me outorguedes o que vos quero pedir* (L. de Linhagens f. XVI); *ora vos peço que me talhedes a cabeça com esta spada* (S. Graal 31); *peçovos por merço que me leixades hir em vossa companhia* (ib. 45); *eu vos peço tanto que sejades meus ospedes* (ib. 51); *porem vos peço por merço que me perdoes* (F. Lopes, D. J. 27); *desto vos peço eu perdão e nom doutra cousa* (ib.).

ram de terminar em vogal na 3.^a do singular. Todavia em *val*, *quer*, *faz*, *jaz*, *praz*, *traz*, *diz*, *luz* e compostos de *-duz* (*produz*, *conduz*) não conseguiu a final *-e* sustentar-se como nos demais verbos de 2.^a e 3.^a conjugação. Da existencia de antigas formas dissyllabicas dão testemunho os seguintes passos:

Dizede que escudo *traze* (S. Graal 62) — *Traze* hũ escudo (ib.) — Que armas *trage?* (ib. 86) — A vontade do padre *traze* a nossa alma a perigo (S. Josaph. 26) — *Traze* (ib. 13) mas *praz* (ib. 14) — E que esto assy que fosse compydo *dize-o* o livro dos Rex em muytos logares (Leal Cons. 136) — Tira-lhes o boo e virtuoso prazer e *faze-os* desconhecidos (ib. 35) [porem na mesma pagina: *fal-os* tornar ao primeiro cuydado]; *Faze-o* antrepor (ib. 56).

(*Elle*) *faze* e (*elle*) *traze*, *dize*, occorrem na linguagem de D. Duarte occasionalmente e já como concessão ao falar archaico. Regular era naquelle tempo o uso da terminal *-e* nos verbos em *-uzir*, como *enduze*, *produze*, pratica de que ainda ficaram exemplos na linguagem quincentista:

Vam per meia agua per que *transluze* a cor (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Ali natura *produze* diferentes (Cam., Lus. 9, 58) — Qual *reluze* nas faces da donzella (ib. 9, 61) — Todos os effeitos tem hũa só causa propria que os *produze* (Arr. 56) — Todas as vezes que os *reduze* á memoria, doe-se de si (ib. 80) — Nas quaes [embarcações] se vendião todas as cousas quantas a terra *produze* (F. M. Pinto, 2, 333).

A forma *requere* (de *requerer* com a 1.^a pess. do singular *requeiro*), foi sempre corrente, tanto no port. ant. como entre quincentistas e seiscentistas; mas, facto interessante, para a 3.^a do singular do frequentissimo verbo *querer*, seiscentistas como quincentistas não empregaram senão a forma simplificada *quer*. A forma dissyllabica que a precedeu, e que ultimamente se tentou restabelecer em Portugal, não foi, que me conste, documentada sequer em portuguez antigo. Infundada é a allegação da inexistencia da dicção *quel-o*, encontravel, pelo contrario, em:

E naquillo tambem comeo muito, *quello* metter em dieta (Sã de Mir., Vilh. 2, 218) — Pois ha tanto tempo que os leixou e *quellos* inda fazer mais saudoso (Barros, Clar. 2, 485) — *Quelo* a torto e a direito (Jer. Rib. Fis. 35) — Mas *quelo* a morte jantar (A. Prestes,

281) — Está severo: *quelo* assi? (ib. 31) — Ella não perde quilate na linha, e *quela* lavrada? (ib. 451) — Crece a cubiça como a dita, *quella* elle seguir emquanto lhe respondem tambem as cartas (Luc. 1, 385) — Quer achar o menino Jesus... *quello* achar pëndente dos braços e peitos da mãy (Vieira, Serm. 11, 262) — Quer ver-vos;... sim quer ver-vos; *quel-o* e deseja-o (Fil. Elysio 20, 173) — Cede á força: os teus vassallos o querem; *quello* o teu povo (Herc., Lend. e Narr. 1, 83) — *Quel-o* sondar (Castilho, Tart. 82) — Ama ao senhor Tartufo e *quel-o* (Castilho, Tart. 59).

De *quere-o* é que não se sabe precedente algum em linguagem literaria. A fundar-se a reforma do idioma escripto e falado hodiernamente no uso pre-classico, os argumentos aproveitariam antes á restauração dos supra-mencionados, *praze, traze, faze*, etc. para a 3.^a pessoa e, até á restauração do preterito *quise*, apesar da dicção *quil-o*, á semelhança de *quel-o* nestes passos:

Este commettimento *quillo* tambem fazer com este ardil (Couto, Dec. 8, 22) — Receando o Biscainho que se lhe fossem poucos e poucos, *quillos* atemorizar com mandar lançar pregões (ib. 8, 25) — *Quillo* ter junto a sy na corte (Vieira, Serm. 2, 41) — Bem pudera Agustinho retratar-se verbalmente... mas *quillo* fazer e publicar por escripto (ib. 3, 122).

Por effeito do phonema *j* (iota) passou o radical da 1.^a pessoa do singular a divergir das formas restantes em *faço* (< facio), *jaço* (< jaceo), *valho* (< valio < valeo), *meço* (< metio (r)), *peço* (< *petio < peto), *ouço*, (< *autio < audio), *ouso* (< audeo), *vejo* (< *vedio < video).

NOTA. — A 1.^a pessoa do singular do verbo *jazer* não se usa no falar hodierno, tendo-a supplantado a locução *estou deitado*. Encontra-se porem *jaço* em quinhentistas (Sá de Mir. 1, 5), e sobretudo no portuguez antigo.

Mouro, a que no seculo XVI começa a fazer concorrência *morro*, por analogia das demais formas do verbo *morrer*, é a variante de *moiro*, metathese de *morio* (r).

Trago deve referir-se a *traco < traho; para as outras pessoas se dizia *trajes* ou *trazes*, *traje* ou *traze*, *traz*, etc., prevalecendo finalmente as formas com a consoante *z*.

Posso, podes, pode, etc., e *digo, dizes, dizemos, dizeis, dizem* explicam-se facilmente pela evolução phonetica.

Obscura é a questão da mudança do latim *perdo* em *perco*; ao passo que o port. ant. *perço* (pres. do conj. *perça perças*, etc.) resulta naturalmente de **percio* **perdeo*.

Arço, usado ainda por quinhentistas, ao lado de *ardes, arde*, etc., e devido, como *perço*, ao parasitario phonema *j* (iota), provem de **artio* < **ardeo* por *ardo*.

A presença de iota e *i* depois da consoante *n* nos verbos latinos *tenere, venire* e *ponere* determinou a acção regressiva da nasalização da propria vogal radical, resultando d'ahi *tēio* (*tenho*), *tēes* (*tens*), *tēe* (*tem*), *tēm* (*têm*), e semelhantemente *vēio* (*venho*), *vēes* (*vens*), *vēe* (*vem*), e *vēm* (*vêm*). Em *tē(e)mos* (*temos*), *tē(i)des* (*tendes*) de uma parte, e *vī(i)mos* (*vimos*), *vī(i)des* (*vindes*) da outra fez-se sentir o typo de conjugação a que cada um destes verbos pertence. Posto que *pōer* pudesse desnasalar-se na forma infinitiva, em todo o caso não o fez no presente indicativo nem em outras formas com o mesmo thema. Vieram assim ao idioma *pōio* (*ponho*), *pōes*, *pōe*, *pō(e)mos* (*ponemos*), *pōdes* (*pondes*) e *pōem*.

Dos verbos romanicos *cader(e), seder(e), creder(e)* e *leger(e)* resultaram *caer, creer, seer* e *leer* em portuguez antigo, annullando-se a pronuncia de *d* e *g*. Dissyllabicos foram a principio estes verbos tanto no infinitivo como nas rhizotonicas *crees, cree*, etc., do que dão testemunho varios exemplos da poesia antiga. Na 1.^a do singular evitou-se o ditongo que proviria do accrescimento directo de *-o* aos radicaes acabados em vogal, inserindo o phonema *i* (*iota*) *caio, creio, seio* (e *sejo*) e *leio*.

Caer mudou-se em *cair* (*cahir*), dando portanto *caimos* (*cahimos*), *cais* (*cahis*). *Creer* e *leer* abreviaram-se em monosyllabos, com as formas correspondentes; *crês, cré, cremos, lês, lê, lemos*. A tendencia para o monosyllabismo verifica-se tambem na graphia *crêm, lêm* por *crêem, lêem*. *Seer* succumbiu pela forte concorrência que lhe fez a locução *estar sentado*, è só atravez de algum velho anexim consegue apparecer no scenario da moderna linguagem literaria.

Sair (*sahir*) de *salir(e)* é notavel pela 3.^a do singular do port. ant. *sal*, depois mudado em *sae* (*sai*).

única forma em que se reflecte intacta a radical latina. Nas outras pessoas temos *saio*, *saes* (sais), *sahimos*, *sahis*, *saem*.

Em *caibo* e *paio* patenteia-se a metathese de *capiro* e *pario*. *Saber* é regular em *sabes*, *sabe*, *sabemos*, *sabeis*, *sabem*. A forma *sei* da 1.^a pessoa do singular teria resultado de **savio* < **sabio* < *sapio* analogamente a *hei*, que proveio de **haveo* < *habeo*.

Aver (ou *haver*, segundo graphia adoptada mais tarde), perdendo a consoante *v* no presente, produziu as formas contractas *ei*, *ás*, *á*, *emos* (ao lado de *avemos*), *eis* (ao lado de *avedes*, port. mod. *aveis*), *ão*.

Dar e *estar* formam respectivamente *dou*, *dás*, *dá*, *damos*, *dais* (port. ant. *dades*), *dão*; *estou*, *estás*, *está*, *estamos*, *estais* (port. ant. *estades*), *estão*.

Sobre-estar conjuga-se como *estar*, ao passo que o contracto *sustar* e os compostos *prestar*, *restar*, *obstar*, *constar* (impes.), assim como *circumdar* seguem o typo geral dos verbos da 1.^a conjugação.

O verbo defectivo **var* ou **vaer* (lat. *vadere*) tem o presente do indicativo *vou*, *vais* (port. ant. *vás*), *vai*, *vamos*, *vão*, faltando a 2.^a do plural. As tres primeiras formas e a ultima supprem as formas pessoas de que ficou privado o verbo *ir*. *Vamos* concorre com *imos* e é linguagem geralmente mais aceita.

De *es*, *est*, *estis* do verbo latino *esse* ficaram em portuguez *és*, *é*, desaparecendo a 2.^a do plural. *Sum* alterou-se em *som*, *são* e port. mod. *sou*; *sumus* em *somos*, *sunt* em *som*, *são*. Para a 2.^a do plural creou-se, por analogia, *sondes*, *sodes*, *sois*.

Verbos em *-ear* e *-iar*

Todos os verbos em *-ear* fazem as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo respectivamente em *-eio*, *-eias*, *-eia*, *-eiam*, (ou *-eo*, *-eas*, *-ea*, *-eam*, segundo a antiga graphia continuada por quinhentistas e seiscentistas).

Estas formas tem-nas todo*o verbo a par do qual exista substantivo ou adjectivo da mesma raiz, terminado em *é* tónico, em *-eio*, *-eia*, ou *-éa*: *cear* (subst. *ceia*), *assear* (subst. *asseio*), *ratear*, *recrear* (subst. *recreio*), *re-ccear*, *arear*, *arrear* (subst. *arreio*), *soffrear*, *enfrear*, (subst. *freio*), *sopear*, *apear* (subst. *pé*), *pear* (subst. *peia*), *afear* (adj. *feio*), *alhear*, *enlear*, *permear*, *mear* (de *meio*), *bloquear*, *passoar*, *prear* (subst. *preia*), *menear*, *manear*, *estear* (de *esteio*) *idear*, *bolear* (de *boléa*), etc.

As mesmas formas do presente são próprias dos innumerables verbos em *-ear* derivados de substantivos e adjectivos que terminam em consoante, ou em vogal atona *a*, *e* ou *o* precedida de consoante (exceptuando-se comtudo *breve*, *amplo* e *lume* que deram *abreviar*, *ampliar*, e *alumiar*): *marear*, *senhorear*, *vozear*, *florear*, *grangear* (de *granja*), *folhear*, *gorgear*, (de *gorja*), *branquear*, *arquear*, *tartamudear*, *prantear*, *hastear*, *enxamear*, *sortear*, *nortear*, *banquetear*, *patentear*, *presentear*, *serpear*, *serpentear*, *afogear*, *enlamear*, *bronzear*, *esfaquear*, *boquear*, *cabecear*, *mimosear*, *falsear*, *saquear*, *tornear*, *nomear*, *espo-rear*, *escoucear*, *guerrear*, *macaquear*, *tutear*, *lourear*, *sombrear*, *saltear*, *pratear*, *rodear*, *regatear*, *relancear*, *pleitear*, *desfeitear*, *rastear*, etc.

Seguem o mesmo typo de conjugação: *vadear* («*passar a vau*», der. de *vadum*) *semeiar*, *atear*, *bruxolear*, *bambolear*, *derrear*, *cecear* (pronunciar *ce*), *favonear*, *pavonear*.

Aos verbos em *-iar* pertencem as terminações *-io*, *-ias*, *-ia*, *-iam* (accento tónico em *i*) para as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo. Indicam estes verbos em geral a coexistencia de substantivos e adjectivos em *-io*, *-ia*, dos quaes em grande parte se originaram: *esfriar*, os derivados de *via* (*aviar*, *desviar*, *enviar*, *obviar*, *transviar*), de *lia* (por *liga*: *liar*, *al-liar*, *desliar*), *enfiar* e *fiar*, *afiar*, *desfiar*, *expiar*, *vi-ciar*, *iniciar*, *officiar*, *copiar*, *enfastiar*, *basofiar*, *calumniar*, *bugiar*, *cambiar*, *ataviar*, *embaciar*, *arrepisar*, *propiciar*, *noti-ciar*, *exvasiar*, *auxiliar*, *conciliar*, *domiciliar*, *elogiar*, *vi-giar*, *principiar*, *fantasiar*, *demasiar*, *policiar*, *seviciar*, *de-liciar*, *beneficiar*, *prefaciár*, *inebriar*, *ludibriar*, *industrialiar*, *suppliciar*, *cariciar*, *divorciar*, *preludiar*, *repudiar*, *tripu-diar*, *contagiar*, *privilegiar*, *presagiar*, *refugiar*, *plagiar*, *va-*

riar, contrariar, salariar, secretariar, gloriar, inventariar, estriar, amnistiar, injuriar, expatriar, repatriar, pronunciar, annunciar, renunciar, denunciar, alliviar, guiar, tosquiár, assobiar, insidiar, vadiar (de vadio); os onomatopaicos ciciar, piar, miar, chiar; os verbos sitiar, radiar, associar, etc.

São ainda verbos regulares em *-iar*: *alumiár, abreviar e ampliar*, acima mencionados; *fiar* (rad. *fid-*), *confiar, annuviar, saciar, extasiar, agraciar, apreciar, depreciar.*

Com o verbo *crear* deu-se a singularidade da alteração das formas latinas *creo, creas, creat, creant* em *crio, crias, cria, criam*, que se conservaram na literatura portugueza. Nas formações e derivados, em que o accento tónico passava para a terminação, o ouvido não distinguiria a vogal *e*; de sorte que sómente á lembrança do etymo latino em conflicto com a consciencia da pronuncia se deve attribuir a vacillação entre *creador* e *criador* (falando de Deus), *creação* e *criação* (do mundo); etc., observavel ainda em escriptores seiscentistas. Desta incerteza tira partido o falar hodierno, sobretudo no Brasil, para definir dous conceitos distintos com dous verbos differentes: *crear* (com formas proprias dos verbos em *-ear*), dar existencia, tirar do nada, e *criar*, educar, cultivar, promover o desenvolvimento, crescimento ou cultura de cousa existente. Consequentemente diz-se: *Creador do mundo, criação do mundo, creador da lei, criação dos filhos, criador e criação de gado, de gallinhas, de flores, de hortaliças*, etc. São distincções exigidas pelas condições modernas da vida.

Alumiár conjuga-se como derivado regular do substantivo *lume* em Sá de Mir. 227, onde a forma *alumea* rima com *vea* e *chea*, e ainda no mesmo autor pag. 396. Heitor Pinto não conjuga o verbo senão *allumio, allumias, allumia*, etc. e o emprega muitissimas vezes. A duvida porem continuou a existir ainda em tempo de Vieira:

Deos a allumea (Serm. 5, 254) — *Deos que allumea* (ib.) — *Allumid* (repetidamente em Serm. 1, 264 e 1, 272) — *Allumea* (ib. 2, 260).

Vingou por fim a forma em *-ia* de que occorrem abundantes exemplos em Manoel Bernardes.

Notoria é a circumstancia de certos verbos em *-iar* invadirem, com exito variavel, o dominio da conjugação em *-ear*. *Odiar* e *anciar*, apesar dos substantivos *odio* *ancia*, fazem *odeio*, *odeias*, *odeia*, *odeiam*, *anceio*, *anceias*, *anceia*, *anceiam*. Do mesmo modo *incendiar*, *mediar*, *remediar*. Conjugação analoga aconselha-se (Dicc. de Aulete) para *premiar*; mas ainda que se aponte um ou outro exemplo antigo neste sentido, vem isso contrariado pela formação normal cinco vezes usada em Vieira, (Serm. 2, 425): *Deus sempre premia misericordia*, etc., e em este *Senhor premia com bemaventurança* (Bern., L. e C. 336); *Deos premia* (ib. 392). *Negocêo*, *negocêa* occorrem em Sá de Mir. (215, 226, 199), Vieira (Serm. 3, 332, 7, 327, 7, 419), e em Bern. (L. e C. 109); *commercêam* em Vieira (Cartas 1, 37); *agencêa* em Bern. (L. e C. 2, 50) e Fil. Elysio (3, 54); *reverenceão* em Vieira (Serm. 3, 195, 3, 473, 5, 293, 14, 143). No Brasil o falar vulgar é propenso a não abrir excepção para estes ultimos verbos, dizendo *negocias*, *negocia*, *agenciam*, *commerciam*, *reverenciam*, do mesmo modo que *associas*, *influencias*, *evidenciam*, *silenciam*, *providenciam*, *estipendiam*, *vilipendiam*, *compendiam*, *diligenciam*, *distanciam*. Posto que parte destes verbos em *-enciar* e *-endiar* se conjuguem em Portugal amaneiradamente como se pertencessem ao typo *-ear*, parece que, tratando-se de creações modernas, sem apoio no uso tradicional, a analogia pediria se usassem as terminações *-io*, *-ias*, etc., a par dos substantivos em *-io*, *-ia* de que os verbos se derivam.

Gloriar-se conjugado segundo o typo dos verbos em *-ear* pertence talvez á linguagem popular de Portugal. Em linguagem escripta não teve boa aceitação. Occorre em Josaph. II: *ẽ que te glorieas*, e em J. Ferr. (Eufr. 352): *que se gloriea*. Estes exemplos solitarios nada provam; podem ser devidos a erro de copia. Filinto Elysio escreveu conscientemente: *de imitar meu nome te glorieias* (rimando com *alheias*) (2, 121), e *della se glorieia* (2, 158). Porem o que representa a tradição literaria, e se nos depara em geral em linguagem antiga e moderna, é o verbo conjugado *glorio-me*, *glorias-te*, *gloria-se*, etc.:

E quem se quizer gloriar, em el *se glorij* (D. Duarte, Leal Cons. 48) — E *se gloriã* em esta voontade carnal (Ib. L. de Ensin. 80)

+ Como *te glorias* (Sá de Mir. 428) — *Glorie-se* (P. A. Cam., apud. Sá de Mir. 664) — Que *se gloriam* em haver muitas [mulheres] (Barros, Dec. 3 Prol.) — S. Paulo diz que *se gloria* nas tribulações (H. Pinto 2, 557) — Os verdadeiros religiosos *gloriam-se* de ser bem obedientes (ib. 1, 133) — E *se gloriam* nas tribulações sofridas (ib. 1, 271) — *Gloriam-se* tanto das galas os perdidos por esta vaidade (Vieira, Serm. 7, 398) — He possível que... não estime e *se glorie* muito (ib. 7, 400) — Hum engano de que a tua piedade muito *se gloria* (ib. 11, 462) — Quem *se gloria* na feitura da obra (ib. 11, 572) — Mais tem a inclita Lisboa de que *se glorie* por este só filho Antonio (Bern. N. Flor. 4, 368).

Imperfeito do indicativo

Forma-se o imperfeito do indicativo acrescentando *-ava* ao radical dos verbos em *-ar*, e *-ia* ao radical dos verbos da 2.^a e 3.^a conjugação: *louvava, louvavas, louvava, louvavamos, louvaveis* (de *louvavades*), *louvavam; recebia, recebias, recebia, etc.; punia, punias, punia, etc.*

O complexo verbo *ser* tem o imperfeito *era, eras, era, etc.* filiado ao radical *es-* (verbo *esse*), cujo estudo compete á grammatica da lingua latina.

Do modelo em *-ia* afastam-se, aparentemente, as formas do portuguez mod. *tinha*, imperfeito de *ter*, *punha* de *pôr* e *vinha* de *vir*. Estes imperfeitos conservaram todavia até nossos dias, ainda que larvada, a nasal dos radicaes latinos *ten-*, *pon-* e *ven-*, para os quaes se transplantou o accento tonico proprio da terminação. Originaram-se as formas actuaes de *víia, fíia, púia*.

Preterito perfeito do indicativo

Os verbos em *-ar* formam o pret. perfeito do indicativo acrescentando ao radical *-ei, -aste, -ou, -ámos, -astes, -aram*: *cantei, cantaste, cantou, etc.* Excluem-se *estar* com o preterito perfeito modelado segundo o de certos verbos da 2.^a conjugação, e *dar*, com a 1.^a do sing. *dei*, mas as outras pessoas como se fora verbo da 2.^a conjugação (*dêste, deu, etc.*). Nos verbos em *-ir* estas terminações se substituem por *-i, -iste, -iu, -imos, -istes, -iram*: *senti, sentiste, sentiu, sentimos, etc.* Exceptua-se o irregular *vir* com algumas terminações do typo geral da 2.^a conjugação.

Este typo geral dos verbos em *-er* forma o preterito perfeito com as terminações *-i*, *-este*, *-eu*, *-emos*, *-estes*, *-eram*: *nasci*, *nasceste*, *nasceu*, etc.

Vir faz *vim*, retendo a nasalisação antiga, *vieste*, *veo*, *viemos*, *viestes*, *vieram*. Em port. ant. havia *vêeste vëo*, *vëeron*, de que se encontram exemplos em Nunes, Chrest. Arch. 43, 63, 64, 68 e passim.

Os verbos *teer* (port. mod. *ter*) e *seer* (extinto, de *sedere*) produziram *teve* (desnasalisação de *tëui*) e *seve* (de *se(d)ui*); *estar* deu *esteve* de *ste(t)ui* por *steti*. Para a 1.^a do singular ocorre em port. ant. *seve* e *sive*, *tive*, *estive*; as demais pessoas eram *teveste*, *teve*, *tevements*, etc., *esteveste*, *estevemos*, etc., *seveste*, *seve*, etc. Hoje diz-se e escreve-se com *i*: *estiveste*, *tiveste*, *estivemos*, *tiveram*, etc.)*

A formação latina em *-ui* é responsável não sómente pela existencia do preterito perfeito excepcional destes tres verbos, mas ainda pela producção de *houve*, *soube*, *coube*, *jouve*, *prouve* e *prougue*, *trouve*, *trougue* e *trouxe*, para os verbos *haver*, *saber*, *jazer*, *prazer*** e *trazer*. O ditongo *ou* resulta de *au* por metathese: *habui* > **haubi* > *houve*; *sapui* > **sabui* > **saubi* > *soube* e analogamente *capui* deu *coube*, *placui*, *prougue*. *Trouxe* proviria de **traucsi* por *tracsi* e *trougue* de **traugue*. *Trouve* e *jouve* parecem resultar de *tra(g)ui* e *ja(c)ui*. Talvez se filiem directamente a **trar* e **jar*, donde procederam as formas do futuro *trarei* e *jarei*.

O preterito latino *potui* deu *pude* para a 1.^a do singular e *poudeste*, *poude*, *poudeemos* (ou *podeste*, *pode*, *podemos*), etc. para as outras pessoas. Hoje costuma-se pronunciar e escrever *pude*, *pudeste*, *poude*, *poudeemos*, *pudestes*, *puderam*.

Posui e *posuit* deram *puse* e *pose* e semelhantemente os compostos *propuse*, *dispuse*, etc. para a 1.^a pessoa e *propose*, *dispose*, etc. para a 3.^a. Já no port. ant. se

*) Os compostos *prestar*, *obstar*, *restar*, *constar*, enquadram-se perfeitamente na categoria dos verbos regulares da 1.^a conjugação.

**) *Comprazer* forma regularmente *comprazi*, *comprazesie*, *comprazeu*, etc.: *Valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi* (Herc. M. C. 2, 235). Encontra-se todavia *comprouve* em Castilho, Out. 71. O preterito *jouve* é desusado em port. hodierno, sendo substituído pela formação regular: *Aqui jazeu oriança* (Castilho, Fausto 216). Consequentemente dizemos *jazera*, *jazesse* por *jowvera*, *jowvesse*: *Tinha-se atirado para cima da enxada monastica e ahi... jazera insensivel* (Herc. M. de C. 2, 222).

manifesta tendencia para reduzir estas formas a *puz*, *poz*, etc.:

Pose-a [graphia *posseã*] (S. Graal 31) — *Pos*-se em oração (S. Josaph 18) — *Pose*-o (ib. 38) — *Pose*-lhe (ib. 40) — *Pos*-se de gíolhos (ib. 41) — *Pose* o pee (Livro de Esopo 27) — *Pose*-os (F. Lopes, D. J. 150) — *Pose*-se (ib. 234) — E *poz* na villa (ib. 238) — *Pos* os pees (ib. 246) — *Pose*-lhe nome (ib. 293) — *Propose* aquelle doutor (ib. 360) — Eu *propuse* (ib. 363) — Me *despuse* a padecer (ib. 307).

A linguagem litteraria moderna desde os quinhentistas aboliu, definitivamente em todos estes casos, o uso da vogal terminal.

Triumphou da mesma maneira a tendencia simplificador na luta entre *fize* (ou *fije*) e *fiz*, entre *feze* e *fez*, e entre *quise* (ou *quije*) e *quiz*:

Esto *fige* eu (S. Josaph. 7) — Aquello que nom *quise* pera elles (ib. 17) — *Fize*-o [graphia *fizio*] (ib. 27) — *Feze*-o (ib. 10 e 15) — *Feze*-lhe (ib. 10) — *Fez*-lhe (ib. 30) — Eu te *fiz* (Livro de Esopo 50) — *Feze*-o (F. Lopes, D. J. 150).

Em alguns documentos antigos (Cancioneiros) occorre tambem a forma *fezo* por *feze*.

Os compostos de *fazer* conjugam-se como o verbo simples: *refiz*, *refizeste*, *refez*, *refizemos*, *refizestes*, *refizeram*. *Requerer* segue a conjugação regular: *requeri*, *requereste* *requereu*, *requeremos*, *requerestes*, *requereram*; ao passo que *querer* faz *quiz*, *quizeste*, *quiz*, *quizemos*, *quizes*, *quizeram*.

O pret. perf. *fui*, que em portuguez tanto serve para o verbo *ser* como para o verbo *ir*, faz *fui*, *foste*, *foi*, *fomos*, *fostes*, *foram*. Em port. ant. usou-se *foi* para a 1.^a pessoa e *fuste* para a 2.^a:

Eu soom natural de gualiléa e *foy* pagão (S. Graal 85) — Ey nome juam o bastardo e *foy* filho de rei briam (ib. 108) — Tanto [eu] *foy* peccador, uelho e mancebo, que todos meus dias tenho perdidos (ib. 135) — Entom *fuste* prasmado (F. Lopes, D. J. 231) — Porque *fuste* revatada (S. Mar. Egypt., Rev. Lus. 20, 189).

Ver forma o pret. perf. como se se tratasse de verbo da 3.^a conjugação: *vi*, *viste*, *viu*, *vimos*, *vistes*, *viram*.

Derivações do preterito perfeito

Com o accrescimento de *-ra* ao thema do preterito perfeito, obtem-se o mais-que-perfeito; ajuntando *-sse* ao dito thema, forma-se o imperfeito do conjuntivo, e, finalmente, com a junção de *-r* ter-se-á o futuro do conjuntivo. O thema puro, que dá lugar a estas derivações, pode achar-se obscurecido na 1.^a e 3.^a do singular, mas revela-se bem nas demais formas pessoaes. Exemplos: *houve, houvera, houvesse, houver*; *tiveste, tivera, tivesses, tiver*; *viemos, viera, viesse, vier*; *vimos, vira, visse, vir*; *quizeamos, quizera, quizesse, quizer*; *fomos, fora, fosse, for*; *pudeste, pudera, pudesse, puder*; *puzemos, puzera, puzesse, puzer*; *cantaste, cantara, cantasse, cantar*; *merecemos, merecera, merecesse, merecer*; *servi, servira, servisse, servir*; *soube, soubera, soubesse, souber*; *fizemos, fizera, fizesse, fazer*, etc.

Futuro

As linguas románicas ficaram privadas das formas de futuro do indicativo que possuía o idioma latino. Supprimiu-se a falta, unindo ao infinitivo o presente de *haver* para o futuro do presente e creando analogamente o futuro do preterito pela junção do imperfeito *havia* (contrahido em *hia*) ao infinitivo. Deu este processo em portuguez *cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantaredes* (port. mod. *cantareis*), *cantarão*; *cantaria, cantarias, cantaria, cantariamos, cantariades* (port. mod. *cantarieis*), *cantariam*. E assim para os demais verbos.

De *fazer, trazer, dizer, jazer* não podiam proceder senão formas regulares como as dos seguintes passos:

Dizel-o ei logo ao infante (S. Josaph. 8) — *Fazel-o emos* de manhã (Livro de Esopo 45) — *E ostras, trazerei dellas?* (G. Vic. 3, 34) *Ali onde seo corpo jazerá* (Jos. Arim., Nunes, Chrest. Port. 62).

Porem, além destas, usavam-se já no port. ant., e com mais frequencia, est'outras formas: *direi, diria, farei, faria, trarei, traria*, assim como o hoje quasi desconhecido futuro *jarei, jaria*:

E *jará* ainda hi tres annos (S. Graal 136) — E a tua alma... *jará* i ataa o dia que os mortos hã de resurgir (S. Josaph. 11) — Se dormires *jarás* é grã folgança (ib.) — *Jarei* (Zur., Ined. 307) — *Jariam* (Zur. Guiné 188) — Até quando *jaremos* neste somno (Sá de Mir. 28, 2).

Durante bastante tempo se attribuiu a existencia destas formas mais breves á syncopação das formas mais extensas, sem no emtanto dar a razão do curioso desaparecimento da syllaba em tão poucos casos. Hoje explica-se o phenomeno referindo os futuros *direi*, *farei*, *trarei* directamente aos infinitivos *dir(e)*, *far(e)*, *trar(e)*, já existentes em latim vulgar. Para *jarei*, caso não se trate de uma forma analogica, haveria o infinitivo *jar*.

Imperativo

As formas proprias do imperativo, 2.^a pessoa do singular e 2.^a do plural, em geral não differem das respectivas formas pessoaes do presente do indicativo senão pela eliminação do *s* final: *canta*, *cantai*; *traze*, *trazei*; *faze*, *fazei*, etc.

O verbo *ser*, port. ant. *seer* (lat. *esse*) faz todavia *sê* (port. ant. *sei*), *sede*, formas identicas ás do extinto *seer* (lat. *sedere*).

Para a 2.^a do singular de *dizer* usava-se em port. ant. ora *dize* ora *di*, forma esta semelhante ao imperativo de *dicere* em outras linguas romanicas:

Padre, *di-me*... todas as cousas (S. Josaph. 16) — *Dize-me* [graphia *dizi-me*], padre, donde ouveste esta vistidura (ib. 13) — *Dy* ao abbade (Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 188).

Na linguagem popular registrada por Gil Vicente:

Di, rogo-te... (2, 32). — *Dize*... (2, 161).

O imperativo latino *habe* deu em portuguez (*h*)*ave*, que se usou em todo o periodo do falar antigo:

Ave ssois e farás tua proll (Livro de Esopo 22) — *Ave* grã prazer (S. Josaph. 46) — *Ave* misericordia e piedade de mim (Santa Pelag., Nunes, Chrest. 104).

No seculo XVI o falar popular ainda dizia:

Have tua gaita á mão (G. Vic. 2, 309).

A linguagem literaria neste mesmo seculo filia por-
rem o imperativo directamente ao presente do indicativo
do verbo portuguez:

Ha dó desta velhice (Ferr. Poem. Lus. 2, 195) — *Ha* piedade
e mágoa dos seus fermosos olhos (ib. 2, 211) — *Ha* piedade e mágoa
de tanta fermosura (ib. 2, 213).

O verbo *ir* tem *ide* e *i* para a 2.^a do plural corres-
pondentes ás duas formas pessoases do presente do indi-
cativo. Exemplos de *i*:

Por mercee *hii* la, amte que comecem e nom lho leixees fazer
(F. Lopes, D. J. 30) — *I* lá tomar cuidado de filhos alheios (Sá de
Mir. 2, 77) — *I*-vos apparellhar (Ferr., Poem. Lus. 2, 195).

Os imperativos *tira* e *guarda* seguidos de pronome
reflexivo reduziram-se a *tir-te* e *guar-te*:

Mas *guar-te* de fazeres peor (Jos. Arim., Nunes, Chrest. 59)
— *Guar-te* de arrependimentos sem cura (A. Ferr. Obras 2, 292) —
Tir-te lá, que não hei hoje lá d'ir (ib. 2, 308).

A linguagem literaria moderna, exceptuando a frase
sem tir-te nem guar-te, restabeleceu as formas comple-
tas destes verbos. Filinto Elysio 13, 292 ainda escreveu
guar-te; *não m'as enxotes*, tendo o cuidado de dar em
nota a explicação de *guar-te*.

A 2.^a pessoa do singular do imperativo de certos
verbos distingue-se da respectiva forma pessoal do pres.
do ind. não sómente pela falta da desinencia, mas ainda
pela diversidade da vogal tonica durante certo periodo
da linguagem. Assim, sendo correntes as formas *pedes*,
vestes, *mentes*, *segues*, *feres* dizia-se:

Pide a teu padre (S. Josaph. 16) — *Viste-te* (ib. 13) — *Minte-*
lhe (G. Vic. 1, 309) — Essa licença *pide* tu á justiça (Ferr. 2, 317)
— Isso lhe *pide* em tuas orações (Ferr. Bristo 2, 362) — *Sigue* minha
razão, minha vontade (ib. 2, 220) — *Sigue-me* firme e forte (Cam.,
Lus. 10, 76) — E diz [S. Paulo] na primeira a Timotheo: Homem
de Deus, *sigue* a justiça (H. Pinto 1, 152) — *Viste-te* de sua lam,
(ib. 1, 176) — *Dá* e *fire* quanto quizeres, o vaso de Anaxoras, que a
Anaxoras nunca o ferirás (ib. 1, 45). — *Pide-me* quanto quizeres, que
eu to darei (ib. 2, 734) — *Vai* e vende quanto tens, e dá-o aos pobres,

sigue-me (Vieira, Serm. 7; 172) — Se me queres lograr, *sigue-me* (ib. 4, 165).

Os quinhentistas, usando embora já invariavelmente *acodes, foges, cobres*, conservaram comtudo a vogal *u* no imperativo:

Fuge minha ira (Ferr. 2, 225) — *Fuge*, coitada, *fuge* (ib. 2, 253) — *Acude* e corre, pai (Cam. Lus. 3, 105) — *Fuge, fuge*, lusitano (ib. 2, 61) — *Fuge* das gentes perfidas e feras (ib. 2, 62) — E tu, Coimbra, *cubre-te* de tristeza pera sempre (Ferr. 2, 281) [Vide supra Alternancia] — *Fuge* dos muytos, *fuge* dos poucos, *fuge* ainda dhum só (H. Pinto 1, 318).

O imperativo *fuge* occorre ainda em Vieira:

Fuge delles [aduladores] como de inimigos (Serm. 4, 228) — *Fuge* daqui e vayte para a tua patria (ib. 4, 241).

Poder e *querer*, dada a sua significação, difficilmente se dizem no imperativo. Não se usa a 2.^a do singular. Do plural registram-se:

Queredede vos de mim doer (Canc. Din. 40) — *Queredede* vos doer do meu mal (ib.) — *Querei* ora a quem vos quer, dai ó demo a opinião (G. Vic. 3, 151) — Estimai quem vos estima; se vos quizerem, *querei* (Prestes, 333) — Amay a quem vos ama, e aborrecey a quem vos aborrece; isto he, *querey* bem a quem vos quer bem, e *querey* mal a quem vos quer mal (Vieira, Serm. 4, 77) — *Querey* tudo o que podeis (ib. 8, 80) — *Podey* e *querey* (ib. 6, 309-10).

Conjuntivo

Substituindo a terminação *-o* da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo por *-e* nos verbos da 1.^a conjugação e por *-a* nos da 2.^a e 3.^a conjugação, obtem-se o thema do presente do conjuntivo: *cante, escreva, sirva, durma, sinta, faça, perca, jaça, meça, peça, acuda, veja, saiba, caiba, venhá, tenha, ponha, possa, ouça, diga, siga*, etc.

Tão regular é esta formação que as rhizotonicas estão sujeitas ás mesmas regras de alternancia relativas a 1.^a do singular do pres. do indicativo. Confrontem-se *adores, adore, adorem* e *adoro*; *escreva, escrevas, escrevam* e *escrevo*; *durma, durmas* e *durmo*; *sinta, sintas, sintam* e *sinto*, etc.

Excepções: *haver* faz *haja*; *ser* faz *seja*; ao indi-

cativo *vou* corresponde *vá, vás, vá, vão* em contradicção com *dou* e conj. *dê, dê, dê, etc.* De *estar, estou*, usou-se em port. ant. e entre os quinhentistas a formação regular: *estê, estês, estê, estemos, esteis, estêm (estêem)*. Por influencia de *seja* alterou-se depois *estê* em *esteja*, que suplantou de todo a antiga forma.

Querer, quero faz *queira*; *saber* faz *saiba*.

A modelação do presente do conjuntivo pela 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo, levadas em conta as excepções que acabámos de mencionar, é regra resultante de condições phoneticas similares (v. g. *facio* e *facia-m*, *vides* e *videa-m*) completadas pela analogia.

Gerundio

Como as demais linguas romanicas, o idioma portuguez não herdou do gerundio latino senão a forma ablativa. Termina o nosso gerundio em *-ando, -endo* ou *-indo*, conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem applicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do participio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjectivo e substantivo.

Participio do presente

O participio do presente latino deu em portuguez formas em *-ante, -ente, -inte*. Usadas porem em geral como substantivos e adjectivos propriamente ditos, poucos vestigios deixaram da antiga função verbal. Diz-se ainda hoje *homem temente a Deus*, e os quinhentistas ainda podiam escrever:

Rei e senhor natural, não *reconhecente* superior em o temporal (Barros, Dec. 4, 7, 1) — Cousas *tocantes* a piedade natural (Arr. 511) — Ilheos de Ires e Meitarana, *circumstantes* a Ternate (Barros, Dec. 4, 7, 9) — Perlas ricas e *imitantes* a cor da Aurora (Cam., Lus. 10, 102).

Mas estes dizeres dos quinhentistas devem-se levar antes á conta de latinismos do que á da linguagem